

ta generosidade nas frases gentis, mas muita tristeza no olhar afogado em justa preocupação.

Voltando à intimidade, Narcisa disse, bondosa:

— Os casos de herança, em regra, são extremamente complicados. Com raras exceções, acarretam enorme peso a legadores e legatários. Neste caso, porém, vemos não só isso, mas também a eutanásia. A ambição do dinheiro criou, em toda a família de Paulina, exquisites e desavenças. Pais avaros possuem filhos esbanjadores. Fui a casa de nossa amiga, quando o irmão dela, o Edelberto, médico de apariência distinta, empregou no progenitor, quase moribundo, a chamada "morte suave". Esforçamo-nos por evitar, mas tudo foi em vão. O pobre rapaz desejava, de fato, apressar o desenlace, por questões de ordem financeira, e ai temos agora a imprevidência e o resultado — o ódio e a molestia.

E com expressivo gesto, Narcisa rematou:

— Deus criou seres e céus, mas nós costumamos transformar-nos em espíritos diabólicos, criando nossos infernos individuais.

### XXXI VAMPIRO

Eram vinte e uma horas. Ainda não havíamos descançado, senão em momentos de palestra rápida, necessária à solução de problemas espirituais. Aqui, um doente pedia alívio, ali, outro necessitava passos de conforto. Quando fomos atender a dois enfermos, no Pavilhão 11, escutei gritaria próxima. Fiz instintivo movimento de aproximação, mas Narcisa deteve-me atenciosa:

— Não prossiga — disse — localizam-se ali os desequilibrados do sexo. O quadro seria extremamente doloroso para seus olhos. Guarde essa emoção para mais tarde.

Não insisti. Entretanto, fervilhavam-me no cérebro mil interrogações. Abrira-se um mundo novo à minha pesquisa intelectual. Era indispensável recordar o conselho da progenitora de Lisias, a cada momento, para não me desviar da obrigação justa.

Logo após, às vinte e uma horas, chegou alguém dos fundos do parque enorme. Era um homemzinho de semblante singular, evidenciando a condição de trabalhador humilde. Narcisa recebeu-o com gentileza, perguntando:

— Que ha, Justino? qual é a sua mensagem?

O operário, que integrava o corpo de sentinelas das Camaras de Retificação, respondeu afliito:

— Venho participar que uma infeliz mulher está pedindo socorro, no grande portão que dá para os campos de cultura. Creio tenha passado despercebida aos vigilantes das primeiras linhas...

— E por que não a atendeu? — interrogou a enfermeira.

O servidor fez um gesto de escrúpulo e explicou:

— Segundo as ordens que nos regem, não pude fazê-lo, porque a pobrezinha está rodeada de pontos negros.

— Que me diz? — revidou Narcisa assustada.

— Sim, senhora.

— Então, o caso é muito grave.

Curioso, segui a enfermeira, através do campo enluarado. A distância não era pequena. Lado a lado, via-se o arvoredo tranquilo do parque muito extenso, agitado pelo vento cariçoso. Havíamos percorrido mais dum quilometro, quando atingimos a grande cancela a que se referia o trabalhador.

Depareu-se-nos, então, a miserável figura da mulher que implorava socorro do outro lado. Nada vi, senão o vulto da infeliz, coberta de anelhos, rosto horrendo e pernas em chaga viva; mas Narcisa parecia divisar outros detalhes, imperceptíveis ao meu olhar, dado o assombro que estampou na fisionomia, ordinariamente calma.

— Filhos de Deus — bradou a mendiga ao avistarmos — dai-me abrigo a alma cansada! Onde está o paraíso dos eleitos, para que eu possa fruir a paz desejada?

Aquela voz lamuriosa sensibilizava-me o coração. Narcisa, por sua vez, mostrava-se comovida, mas falou em tom confidencial:

— Não está vendo os pontos negros?

— Não — respondi.

— Sua visão espiritual ainda não está suficientemente educada.

E, depois de ligeira pausa, continuou:

— Se estivesse em minhas mãos, abriria imediatamente a nossa porta; mas, quando se trata de criaturas nestas condições, nada posso resolver por mim mesma. Preciso recorrer ao Vigilante Chefe, em serviço.

Assim dizendo, aproximou-se da infeliz e informou, em tom fraterno:

— Faça o obsequio de esperar alguns minutos.

Voltamos apressadamente ao interior. Pela primeira vez, entrei em contacto com o diretor das sentinelas das Camaras de Retificação. Narcisa apresentou-me e notificou-lhe a ocorrência. Ele esboçou um gesto significativo e ajuntou:

— Fez muito bem, comunicando-me o fato. Vamos ná lá.

Dirigimo-nos os três para o local indicado.

Chegados á cancela, o Irmão Paulo, orientador dos vigilantes, examinou, atentamente a recém-chegada do Umbrai, e disse:

— Esta mulher, por enquanto, não pode receber nosso socorro. Trata-se de um dos mais fortes vampiros que tenho visto ná hoje. E' preciso entregá-la á própria sorte.

Senti-me escandalizado. Não seria faltar aos deveres cristãos, abandonar aquela sofredora ao azar do caminho? Narcisa, que me parecia compartilhar da mesma impressão, adiantou-se suplicante:

— Mas, Irmão Paulo, não há um meio de acolhermos essa miserável criatura nas Camaras?

— Permitir essa providência — esclareceu ele — seria traír minha função de vigilante.

E, indicando a mendiga que esperava a decisão, a gritar impaciente, exclamou para a enfermeira:

— Já notou, Narcisa, alguma coisa, além dos pontos negros?

Agora, era minha instrutora de serviço que respondia negativamente.

— Pois vejo mais — respondeu o Vigilante Chefe.

Baixando o tom de voz, recomendou:

— Conte as manchas pretas.

Narcisa fixou o olhar na infeliz e respondeu, após alguns instantes:

— Cincoenta e oito.

O Irmão Paulo, com a generosidade dos que sabem esclarecer com amor, explicou:

— Esses pontos escuros representam cincoenta e oito crianças assassinadas ao nascerem. Em cada mancha vejo a imagem mental de uma eriçaninha aniquilada, umas por golpes esmagadores, outras por asfixia. Essa desventurada criatura foi profissional de ginecologia. A pretexto de aliviar conciencias alheias, entregava-se a crimes nefandos, explorando a infelicidade de jovens inex-

perientes. A situação dela é pior que a dos suicidas e homicidas, que, por vezes, apresentam atenuantes de vulto.

Recordci, assombrado, os processos da medicina, em que muitas vezes enxergara, de perto, a necessidade da eliminação de nascituros por salvar o organismo materno, nas ocasiões perigosas; mas, lendo-me o pensamento, o Irmão Paulo acrescentou:

— Não falo aqui de providências legítimas, que constituem aspectos das provações redentoras; refiro-me ao crime de assassinar os que começam a trajetória na experiência terrestre, com o direito sublime da vida.

Demonstrando a sensibilidade das almas nobres, Narciso rogou:

— Irmão Paulo, também eu já errei muito no passado. Atendamos a esta desventurada. Se me permite, eu lhe dispensarei cuidados especiais.

— Reconheço, minha amiga — respondeu o diretor da vigilância, impressionando pela sinceridade — que todos somos espíritos endividados; entretanto, temos a nosso favor o reconhecimento das próprias fraquezas e a boa vontade de resgatar nossos débitos; mas esta criatura, por agora, nada deseja senão perturbar quem trabalha. Os que trazem os sentimentos calejados na hipocrisia emitem forças destrutivas. Para que nos serve aqui um serviço de vigilância?

E, sorrindo expressivamente, exclamou:

— Busquemos a prova.

O Vigilante Chefe aproximou-se, então, da pedinte e perguntou:

— Que deseja a irmã, do nosso concurso fraterno?

— Socorro! socorro! socorro!... — respondeu lacrimosa.

— Mas minha amiga — ponderou acertadamente — é preciso sabermos aceitar o sofrimento retificador. Por que razão, tantas vezes cortou a vida a entezinhos frágeis, que iam à luta com a permissão de Deus?

Ouvindo-o, inquieta, ela exibiu terrível carantonha de ódio e bradou:

— Quem me atribue essa infamia? Minha consciência

está tranquila. Canalha!... Empreguei a existência auxiliando a maternidade na Terra. Fui caridosa e crrente, boa e pura...

— Não é isso que se observa na fotografia viva dos seus pensamentos e atos. Creio que a Irmã ainda não recebeu, nem mesmo o benefício do remorso. Quando abrir sua alma às benções de Deus, reconhecendo as necessidades próprias, então, volte até aqui.

Irada, respondeu a interlocutora:

— Demônio! Feiticeiro! Sequez de Satã!... Não voltarei jamais!... Estou esperando o céu que me prometeram e que espero encontrar.

Assumindo atitude ainda mais firme, falou o vigilante Chefe com autoridade:

— Faça, então, o favor de retirar-se. Não temos aqui o céu que deseja. Estamos numa casa de trabalho, onde os doentes reconhecem o seu mal e tentam curar-se, junto de servidores de boa vontade.

A mendiga objetuou atrevidamente:

— Não lhe pedi remédio, nem serviço. Estou procurando o paraíso que fiz por merecer, praticando boas obras.

E, enderecando-nos dardejante olhar de extrema celeridade, perdeu o aspecto de enferma ambulante, retrando-se a passo firme, como quem permanece absolutamente senhora de si.

Acompanhou-a o Irmão Paulo com o olhar, durante longos minutos e, voltando-se para nós, acrescentou:

— Observaram o vampiro? Exibe a condição de criminosa e declara-se inocente; é profundamente má e afirma-se boa e pura; sofre desesperadamente e alega tranquilidade; criou um inferno para si própria e assevera que está procurando o céu.

Ate o silêncio com que lhe ouviamos a fígião, o Vigilante Chefe rematou:

— É imprescindível tomar cuidado com as boas ou más aparições. Naturalmente, a infeliz será atendida alhures pela Bondade Divina, mas, por princípio de caridade legítima, na posição em que me encontro, não lhe poderia abrir nossas portas.